

"Correio Popular" 20.V - 1984
A raposa e as andorinhas

Milton Segurado

Para comemorar o 28º ano de existência da Academia Campinense, convidou o seu presidente, Wilson Brandão Tóffano, para uma conferência, que lá terá lugar dia 23 próximo, o maior dramaturgo brasileiro vivo, Guilherme Figueiredo.

O contista de "Rondinella", o novelista de "Trinta anos sem paisagem", o poeta de "Ração de abandono", o cronista de "A Pluma e o Vento", o ensaísta de "Xantias", o humorista de "Tratado geral dos chatos", o crítico de "As Excelências", o "gourmet" de "Comidas, meu santo", o historiador de "Miniatura de História da Música", o romancista de "14, Rua Tilsit, Paris", o comediógrafo de "A Raposa e as Uvas" — levou o nosso nome à URSS, onde esta peça foi premiada. Mais ainda: com "14, Rua Til-

sit, Paris" colocou Campinas no mapa do romance brasileiro. Sua "Viagem" é o único romance utópico de nossa literatura, enfileirando-o a Morus, Bacon, Platão, Rabelais, Campanella, Swift. E em "Rondinella" está o único conto telegráfico da literatura universal.

Enquanto Joraci Camargo é a mentira socialista, Guilherme é a verdade pagã, verdade a que, no teatro, corresponde à veracidade. A ele se aplica Machado: "Em cena tudo é postico exceto o gênio" e "Demócrito continua a ter razão: Só é sério aquilo que não o parece".

O nosso Bernard Shaw falará sobre o general Euclides Figueiredo e a Revolução de 32 — "aquele crime épico que todos nós gloriosamente cometemos".